

Alfredo F. de Castro

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

R. das Flores-130-1.

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



SUMMARIO

Porto

O nascimento do mundo.....	<i>Abundio da Silva</i>
A morte de mimi.....	<i>Henrique Gomes</i>
Ninharias.....	<i>José d'Azevedo e Menezes</i>
As Martyres de Minsk.....	<i>J. V. Pinto de Carvalho</i>
Orai! (poesia).....	<i>A. da Silva</i>
A Prece.....	<i>Antonio Dias da Costa</i>
O Phantasma	<i>J. Machado</i>
Ave-Maria.....	<i>Clemente Gomes Alves</i>
Gazetilha do Collegio de S. Damaso (4.ª pag.)	<i>O collegial M. C.</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 1\$000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Admittem-se annuncios a preços convencionaes.

As obras literarias annunciam-se mediante dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

EDITOR RESPONSÁVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

CRENÇA & LETRAS

O NASCIMENTO DO MUNDO

Moysés e Laplace

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Redactor da *Crença & Letras*.

Écoutez! Jehovah s'élançe
Du sein de son éternité.
Le cahos endormis s'éveille en sa presence
Sa vertu le feconde et sa toute-puissance
Repose sur la immensité.

(*Lamartine—Meditation XXX.*)

Era o nada. Só Jehovah existia. Dotado de infinitas perfeições, gosava no seu immenso repouso de uma felicidade sem limites. . . .

Cumprindo os seus immutaveis decretos, cria; e o mundo surge ao seu *fiat* omnipotente.

In principio creavit Deus calum et terram, assim escreve o hagiographo com a sua inimitavel singeieza!

In principio creavit Deus calum et terram, eis a doutrina biblica acerca do nascimento dos mundos.

Será ella verdadeira? Haverá conflictio entre a sciencia e a fê?

Accaso Moysés e Laplace serão irreconciliaveis inimigos?

*

* *

Nos fins do seculo passado e principios do actual, a sciencia era um combate renhido contra a religião. Dir-se-hiz

uma nova perseguição, não feita com os supplicios dos imperadores, mas (o que é peor) com as armas da natureza. Não corria nas praças o sangue dos martyres soffrendo os flagellos cruciantes de um Nero, mas ruíam as crenças dos christãos abaladas pelos sarcasmos blasphemos de um Voltaire.

A sciencia estava ainda na sua infancia e quasi que não tinha a consciencia de que avançava: com o progresso dos annos, tornando-se adulta, prestou vassalagem á fé, retratando-se dos seus ataques, curvando-se respeitosa perante a memoria de um homem que, ha milhares de annos, escreveu o que a ella tem custado centenas de seculos a descobrir.

Esse homem era Moysés, a sua obra o Genesis!

O philosophismo heretico dos Encyclopedistas será para sempre esquecido, o positivismo de Augusto Comte e Littré, não mais occupará os espiritos sabios, e os conflictos de Draper serão meras utopias, porque razão e fé abraçaram-se, deram o osculo da paz!

Á *grande epopea scientifica* do nascimento do mundo, sahida do cerebro de Laplace, tirou a sciencia a forma athea. Moysés lançando no papyrus a palavra do Legislador Santo do Sinai, e Laplace sondando as profundezas reconditas dos espaços firmamentarios, não são inimigos; são dous genios da sciencia, espanto do mundo, duas estreilas de primeira grandeza! Não! mil vezes não! Moysés escrevendo guiado pela mão omnipotente do Sapiëntissimo e Laplace descobrindo pela força da mathematica, não se contradizem, harmonisam-se, são a prova um do outro!

D'entre as sciencias naturaes é a cosmogonia que nos presta mais valioso auxilio para estudarmos a genese do mundo. Mas digamol-o já: no auxilio que vamos pedir ás sciencias naturaes precisamos de obrar com a maxima cautella; não devemos esquecer que estão em via de formação, nem dar por certo e incontestavel o que não passa de uma hypothese. Quantas theorias não tem a sciencia admittido como a expressão da verdade, como correspondendo á realidade dos factes, para mais tarde as rejeitar por não explicarem todos os phenomenos que deviam explicar?

A cosmogonia admite hoje como verdadeira a hypothese de Laplace. Esta hypothese, esboçada por Kant e Herschel, profundamente estudada por Hinriehs e Roch, e confirmada pelas experiencias engenhosas de Plateau, merece com razão o titulo de uma "*epopea scientifica*," que Jean d'Estienne lhe dá no seu bello livro,—*Comment s'est formé l'Univers?*

Vamos expol-a não minuciosamente, porque isso não está nas nossas forças nem na indole d'esta publicação, mas apenas com o desenvolvimento necessario para a sua comprehensão.

*

* *

É uma lei perfeitamente constatada, que todas as massas fluidas tendem a tomar a forma espherica; esta lei que a mathematica demonstra, é comprovada pela experiencia: as bolhas de ar que emanam do fundo de um liquido, para reben-tarem ao contacto com a atmospherica, a gotta de orvalho que pela manhã aljofra as folhas das arvores ou as petalas das flores, as esferas de mercurio que deslisam sobre uma superficie polida, provam a existencia de esta lei natural. Algumas vezes parece haver excepções, porém veremos que as não encontramos, se soubermos que a força da gravitação predomina em muitos casos.

Assim aconteceu com a nebulose primitiva, com essa materia extremamente fluida, muito mais subtil que o hydrogenio, immensa espherica que no dizer de Pascal tinha o seu centro em toda a parte e a sua circumferencia em nenhuma.

Como sahia de este immenso globo o sol, os planetas, etc.?

Dous atomos chocando-se fundiram-se e formaram um só que se tornou logo um centro de attração, porisso que a sua massa era superior á dos outros. Surge agora uma difficuldade para a sciencia cosmogonica: como se deu a fusão de estes dous atomos?

Se a massa de todos os atomos fosse mathematicamente igual, a fusão de dous, tres ou quatro atomos formaria uma

massa dupla, tripla ou quadrupla que exerceria a sua influencia em todas as direcções, annullando mutuamente as impulsões que a sua queda lhe trouxe: a esphera crescerá pois em massa e em volume, mas o movimento será impossivel porque ha um grande numero de forças eguaes e contrarias.

Para fugirmos a esta objecção é-nos necessario ou admitir o encontro fortuito de dous atomos deseguaes e commetteremos uma arbitrariedade injustificavel ou appellar para uma nova força na grande esphera geradora do mundo. Em um e outro caso temos de appellar para uma força a que a sciencia não se póde elevar, á força impulsiva communicada pela omnipotencia do Creador.

Começado este movimento, sendo os atomos, precipitados e repellidos com uma força proporcional, em virtude dos numerosissimos choques sobre a esphera de attracção, resultará um movimento gyrotorio ou de rotaçáo sobre o seu eixo. A esphera, attrahindo sem cessar a si os atomos visinhos, irá augmentando de volume e de densidade.

No fim de milhares de milhares de annos, cedendo aos effeitos da força centrifuga, que tende a desviar do centro as partes que d'elle mais distam, a esphera achatar-se-ha nas extremidades ou eixo de rotaçáo, isto é, nos polos, e alongar-se-ha no circulo maximo perpendicular ao mesmo eixo, isto é, no equador. Assim o centro de attracção, que a principio era espherico, passa a ser espheroidal e mais tarde ellipsoidal ou lenticular.

Depois de decorrido um periodo de longa duração, em virtude da lei *da equivalencia do movimento e do calor*, a esphera gazosa consideravelmente aquecida pelos movimentos sempre crescentes dos seus atomos, começará a adquirir uma simples luz phosphorescente que augmenta gradualmente até se tornar perfeitaente luminosa.

Com o augmento de densidade, a massa lenticular contrahese pouco a pouco, de forma a diminuir de volume. Os atomos conservando pela inercia a sua força inicial, em virtude da contracção crescente, apressam o seu movimento gyrotorio porque tem a percorrer circumferencias de muito me-

nores dimensões. O resultado é o apparecimento de um anel, desligado da massa lenticular que a torna outra vez um espherode. A apparição de este anel explica-se facilmente pela victoria da força centrifuga sobre o centripeta, consequencia necessaria da acceleração do movimento.

Separado da primitiva esphera, este anel não perde o seu movimento adquirido, pelo contrario continua a gyrar a par de ella. Não sendo a sua densidade perfeitamente igual vae-se estreitando em um ponto cada vez mais, desliga-se, toma a forma de um crescente e pela tendencia que tem a diminuir as suas extremidades, o anel transforma-se em uma nova esphera, gravitando em volta da primeira e que vae ser theatro de phenomenos eguaes.

A esphera mãe não lança só um anel, larga muitos mais de que resultam novas espheras, novos mundos.

Assim nasceu Neptuno com um satellite, Urano com quatro, Saturno com os seus tres anneis concentricos e oito satellites, etc. (1)

A Terra, a planeta que habitamos não é mais que um anel desligado da massa primitiva e a lua, a lampada magica das nossas formosas noites, é por seu turno um anel desprendido do nosso globo!

Oh Deus! quam omnipotente é o teu braço!

“Milhares, milhões de centros attractivos se formaram

(1) Tem-se julgado como uma seria objecção contra esta theoria a existencia dos anneis do planeta Saturno. Uma de duas hypotheses se tem de admittir: ou estes anneis se separam do planeta em taes condições de symetria que tornam impossivel a ruptura, ou esta se não tem dado por falta de tempo. A primeira hypothesé é preferivel. Já Rant, no seu systema do mundo precursor do de Laplace, se viu seriamente embaraçado com este facto. Julgou eximir-se á difficuldade admittindo que Saturno foi primitivamente um cometa que se transformou em um planeta, quando seguindo a sua orbita extremamente elliptica se approximou do sol.

No planeta Urano outra difficuldade se offerece. E' sabido que os satellites de este planeta marcham em sentido inverso ao dos outros corpos do nosso systema planetario e que o plano das suas orbitas corta o plano da orbita do planeta formando um angulo approximadamente de 90.º. Explicar-se-hão estas anomalias por alguma causa accidental e unica que sobreveio no acto da formação de estes satellites e que, embora a sua accão fosse tal que os fez desviar da sua direcção primitiva, não fosse capaz de affectar o planeta?

assim sob a impulsão divina, nas infinidades das profundezas cosmicas sahidas da palavra creadora. Milhares e milhões de nebuloses parciaes são assim desenvolvidas nos agrupamentos supragigantescos de nebuloses complexas. E hoje, ajudado por esse instrumento maravilhoso chamado *spetroscopio*, o telescopio dos astronomicos descobre, nas mais inacessiveis profundezas do infinito, nebuloses de todas as dimensões e de todas as formas, em todos os graus de desenvolvimento: desde a simples nuvem cosmica, diaphana, homogenea apenas distincta, até aos magnificos *montes de estrellas*, universos longinquos de que todas ou quasi todas as nebuloses parciaes chegaram ao periodo solar. E de um ao outro de estes dous termos extremos, a sciencia constata, registra e cataloga exemplares innumeraveis, toda a série de estados intermedarios., (1)

Eis a largos (e bem largos) traços o nascimento dos mundos. Comprovemol-o com a engenhosissima experiencia de Plateau e depois vejamos se é incompativel com a nossa crença de christãos.

Misturem-se nas proporções convenientes agoa e alcool até se obter um liquido da densidade do azeite. Se derrarmos um pouco de azeite n'este liquido assim preparado, tomará a forma espherica, obedecendo á lei que acima enunciamos. Se introduzirmos n'esta esphera um disco de diametro inferior preso a uma haste vertical, communicando-lhe um movimento de rotação veremos que se achata nos polos e dilata no equador. Accelerando o movimento, apparecerá um anel que se transformará em outra esphera mais pequena gravitando em volta do primitivo centro.

*

* * *

Que contradicções encontramos entre a narração geneziaca e a sciencia?

(1) Jean d'Etienne--*Comment s'est formée l'Univers* ?

Moysés affirma a criação da materia nas suas primeiras palavras—*no principio creou Deus os ceus e a terra*; a sciencia por seu lado ensina a existencia da materia primitiva, d'essa nebulose primordial.

Como appareceu essa materia sem a intervenção immediata de Deus? Se a sciencia a admittisse eterna, cantradiizer-se-hia, seria falso o principio de que nenhuma força se perde apenas se transforma, porque, no dizer de M. Hirn, a existencia da nebulose sem principio traria um desperdicio de força para pôr em acção uma tal evolução. Portanto «a substancia com cujo auxilio foram organisados os mundos, foi creada por uma unica força omnipotente anterior a tudo o que existe.»

A theoria de Laplace seria falsa e contradictoria se fosse revestida de um caracter atheu. Theista como hoje a sciencia a admitte é uma concepção gigantesca capaz de per si só levar um homem da obscuridade á celebridade e ao heroismo. Ao heroismo, sim! porque esse homem desprendendo-se de todos os preconceitos injustificados, votado com sincero affecto á causa da sciencia, conseguiu a maior das victorias:—roubou ao firmamento os seus segredos, abriu os arcanos do ceo! A esse homem a nossa veneração e os laureis da sciencia.

Os ensinios da Egreja baseados nos Livros Sagrados, não guerreiam a hypothese scientifica formulada por Laplace: ao contrario, consentindo aos seus filhos a maxima liberdade na interpretação do texto biblico em relação ao nascimento do mundo, é um poderoso incentivo para fazel-os caminhar na estrada ampla e gloriosa das descobertas scientificas.

A MORTE DE MIMI

Tenho tanta sede!... Sinto uma brasa a queimar-me cá dentro.

Ai! Eu vou morrer, e tenho tantas saudades de ti, querida mamã! Se tu pedisses ao Pae do Ceu que não me levasse lá para baixo, para o Campo Santo!

—Peço, peço, minha filha, dizia a mãe por entre salugos, com as faces aljofradas de lagrimas.

E Mimi com os seus débeis e tenrinhos braços enlaçava-se-lhe ao pescoço em arroubos de muito amor. Era ella muito loira e muito branca, d'um loiro fulvo, d'uma brancura jaspea.

Quando as madeixas se lhe alastravam n'um gracioso descuido pelos hombros, parecia um anjo baixado do ceu ao appello d'aquella mãe, tão boa, tão carinhosa, de tanta doçura.

E o seu coração? Ainda não conheci outro assim.

Era modelado pelo dos cherubins.

Parecia formado de ternura e amassado em bondade.

Como ella sorria a todos!

Como era bella e gentil, dando o braço ao irmãosinho, quando passeiavam no jardim, alegres, chilreadores como dois passaritos esvoaçando em torno do ninho!

O aroma da sua innocencia casando-se com o aroma das flosinhas subia muito alto, para além das estrellas.

Era de encantar vê-la afagar com os seus dedinhos de fada o setineo pelo d'um gatinho, muito traquinas, que ora se deixava acarinhar, muito manso, ora fugia para um canto da sala, muito zangado, como a fazer-lhe pirraça.

Ella então deixava vir á flor dos labios um sorriso muito subtil, graciosissimo, como devem de ser os sorrisos dos anjos.

Mimi era a alegria da casa.

As borrascas, que de longe a longe pairavam sobre aquelle paraizo, dissipava-as o seu candido e meigo olhar. Dil-a-hicis o anjo tutelar d'aquella familia, que serena e des-cuidada vogava em mar de venturas.

Mas um dia, coitadita!, a mãe, ao cair da tarde, mandou-a brincar para o jardim com o irmãozinho, uma creança de oito annos.

Era no inverno. As petalãs das flores, emmurhecidas, juncavam as ruas do jardim.

Soprava uma aragem fria e penetrante.

Os dois irmãos brincaram, saltaram, sempre contentes, já as perolas do suor a escorrerem-lhes pela frente; mas n'um recanto do jardim havia um tanque quasi ao nivel do sólo, e Mimi ao recuar tropeçou na pedra do lavadoiro, escorregadia, e cahiu. Que pena!...

O Carlinhos, doido de dôr, gritou, gritou, e lá veio a mãe a correr, a correr muito.

O pequenito apontou-lhe o tanque, e ella—como as mães são fortes, quando os filhos soffrem!—lança-se de prompto a agua e tira a filhinha, desmaiada, pallida d'uma pallidez cadaverosa.

Em casa mette-a na cama, muito pequena, como ella, a Mimi; mas ao outro dia a febre era intensa.

O medico responde com evasivas á mãe que o interroga, e a mãe já chora e já desfallece, porque treme pela vida do seu anjinho.

Tudo são disvelos pela doentinha, mas ella só tem sede, muita sede, a lingua secca, muito secca, um vulcão lá dentro.

A doença aggrava-se. Mimi sente calafrios de quando em quando; tem visões, delira.

Ao oitavo dia, muito de mansinho, muito docemente bateu as azas e voou. Para onde? Para onde!... Para o seio de Deus.

E lá está, bella, amorosa como nunca.

Não chores, estremecida mãe, que a tua filhinha de lá sorri-te.

Não chores, Carlinhos, que a tua irmãozinha já entreteceu uma corôa para ti, e quer que tu, quando fôres lá para cima, andes vestido de branco, muito branco.

NINHARIAS

De Madrid á fronteira franceza

O alto valor de Cánovas del Castillo como poeta e orador, philosopho e estadista achá-se comprovado brillantemente nas paginas do *Estudo-biographico* por Campoamor, o mais distincto e apreciado lirico da Hespanha contemporanea.

É nos poemetos d'este e de Nuñes de Arce que vibram na maxima intensidade as paixões e os affectos da alma espanhola. Como diz algures o Sr. Pinheiro Chagas, *Campoamor é um provençal, Nuñes d'Arce é um celta. Cantam nos poemetos de Campoamor as brizas suaves do Mediterraneo, perfumados com os laranjaes de Valencia ou com as romanzeiras de Granada; nos poemetos de Nuñes d'Arce sopra a aragem que vem do Guadarrama e do Oceano, que traz o sopro immaculado e altivo das montanhas e os gemidos austeros do mar Cantabrico.*

Paiz de grandes homens na politica, na sciencia e nas lettras, a Hespanha tem ainda uma alta missão a cumprir nos destinos da civilisação europeaia.

O sentimento religioso, tão profunlamente arreigado no espanhol como no portuguez, produziu as grandes descobertas do seculo XVI, e produzirá ainda, n'um futuro não muito remoto, os beneficios resultantes da democracia christã, consequencia necessaria do progresso moderno.

Assim o indica o desenvolvimento intellectual do povo peninsular, e o fundo do character do qual é a hombridade, a independencia.

Já nos tempos da monarchia neo-gothica, Affonso-o-sabio, que iniciou a cultura litteraria da peninsula, fallava do seu adeantamento n'estes termos: *Fues esta España que deximos, tal es como el Parayso de Dios.*

Sobre todas las cosas es enqeròza e nun temida e mu-

cho esforzada en lid, ligera en afan, leal al Señor, afirmada en el estudio, palaciana en palabra, complida de todo o bien.

El dizia das riquezas e productos do solo :

És bien abondada de mieses e deleitoza de frutas, vicioza de pescados, saboroza de leche, llena de venados e de caza, cobierta de ganados, lozana de cavallos, e provechoza de mulos e de mulas, etc..

—La isso é verdade,—dizia um dos meus companheiros de viagem,—não ha terra como esta de tão bóas cavalgadas.

*

* * *

No dia 6 de maio tomamos o comboyo das 8 e meia horas da manhã em direcção a Valladolid.

Emquanto este era invadido por uma multidão de viajantes, que disputavam os melhores logares, nós, ás vidraças d'uma carruagem, descançavamos a vista na buliçosa cidade, que em breve tempo voltariamos a ver com mais gosto, quando feita a nossa romaria ao Vaticano d'alli trouxessemos a benção do Vigario de Christo e as santas consolações, que inspiram os monumentos da fé christã.

—D'onde virá o nome de *Madrid* a esta cidade? interrogou o P.^o Bernardino de breviario na mão, prestes a começar a reza canonica.

—A origem de Madrid, tornou-lhe um dos nossos amigos, lido em cousas velhas, perde-se na remota antiguidade, e pelos modos já era conhecida dos Romanos sob o nome de *Mantua Carpetanorum*, denominando-se mais tarde, na idade media, *Majaritum*. Depois da batalha do Xerez, em 711, foi tomada pelos Arabes, que lhe chamavam *Magerit*. A historia d'esta cidade resume-se em Toledo, que perdeu a sua importancia politica, desde que Filippe 2.^o fixou a sua côrte na *villa coronada* em 1560.

Entretanto o comboyo, avançando pela margem do Manzanares, por onde se vêem os palacios e jardins de la Moncloa

e la Florida, ia cortando o planalto das *Castellas*, arido e triste como o terreno em que assenta o feio palacio do *Escuria*, que se descobre da via ferrea a meia encosta da cordilheira do Guadarrama.

Depois entra-se n'um paiz montanhoso, que se prolonga até Avila, aonde almoçamos ás 2 horas da tarde.

Durante a demora que alli tivemos, o P.^e Bernardino fallou muito de Santa Thereza de Jesus, cuja santidade inalteceu, contando casos milagrosos da *Seraphina do Carmelo*.

A pequena cidade d'Avila com o seu cinto de muralhas vê-se da estação, e o convento das carmelitas occupa o logar da casa aonde nasceu a gloriosa santa, cuja intelligencia superior deu que fazer aos mais afamados theologos do seu tempo.

Quatro horas depois paravamos em *Medina del Campo*, uma villa apenas digna de menção por ser o entroncamento das linhas de Zamora e de Salamanca.

Eram oito horas quando chegamos á medioere estação de Valladolid—*la mejor del mundo*,—como lhe chamava um hespanhol, nosso companheiro de viagem, impio, e meio-maluco, que nos disse asneiras espantosas da monarchia e maravilhas da proxima republica universal. Levou para tabaco esse pobre diabo, que deve ter vivido desesperado pela demora havida no triumpho da sua causa.

Foi n'esta cidade, o *Belad Walid* dos arabes, que nasceu Filipe 2.^o, e em que morreu Christovam Colombo,—dous nomes que nos recordam a grandeza da Hespanha e a decadencia de Portugal. Visitamos a Universidade, que é a mais frequentada da nação vizinha na faculdade de direito. Foi fundada por Affonso XI em 1348. A bibliotheca, o museu, a cathedral e ainda outras egrejas merecem uma visita demorada do forasteiro. Vimos depois o *Canal de Castella*, em que ha gondolas todos os dias para Palencia. O canal é formado na confluencia dos rios Pisuegra e Esgueva, em cujo vale assenta esta antiga cidade, capital de Castella a velha.

A's 11 1/2 horas da noite de 7 de maio tomamos o comboyo em direcção a *Hendaye* na fronteira franceza.

Quando na manhã do dia seguinte despertamos do meio somno em que calimos por algumas horas, inundava-nos a carruagem a luz alegre do sol, e corria uma aragem fresca do alto da montanha, que iamos atravessando n'uma serie de vinte e tantos tuneis, que a espaços deixavam ver casas dispersas pela encosta sobre tapetes de verdura, e graciosamente encaxilhadas no arvoredos, que veste em alguns pontos aquellas eminencias dos Pyreneos, e em que a vista se recreia na contemplação d'esse quadro grandioso da natureza, traçado pela mão omnipotente de Deus.

Tinha parado o comboyo, e os empregados gritavam: *S. Sebastião, S. Sebastião*. Era a formosa cidade da Biscaya, reclinada sobre o seu isthmo, que se estende pela formosa bahia na vertente da collina de *Orgullo*.

Olhando para essa linda praia de banhos da alta sociedade madrilenha, veio-nos á lembrança o brilhante (!) feito de armas do exercito alliado contra os francezes em 1813.

Foi um horror! Dado o assalto, e tomada a cidade pelos nossos, seguiu-se um pavoroso incendio, que em breve tempo levou o desespero e a morte a mais de quinze mil familias!

Tocavam os sinos a rebato, e ouvia-se um ruido medonho. O desabar das casas, os lamentos dos moribundos, os ais abafados das mulheres violadas, os gritos desesperados dos que fugiam das lavaredas devastadoras do incendio, esse conjuncto horrivel de tantas miserias e desgraças era como uma imagem do inferno, em que os soldados, verdadeiros demônios só espalhavam a destruição e a morte!

As honras d'aquelle *dies irae* da campanha peninsular cabem por inteiro a Lord Wellington, commandante do exercito em operações. Quando o *ayuntamiento* se lhe dirigiu com a subscripção aberta para a reedificação da cidade, o inglez foi insensivel a tamanha desgraça!

Como é pequeno e despresivel um *lord* sem coração!

O comboyo ia-nos aproximando de *Irun*, que em lingua basca quer dizer *bom logar*.

Os romanos chamavam *Hanusá* a esta cidade, banhada pelo Bidassóá, cujas aguas correm para o Atlantico; e do

golpho da Gascunha n'este mar até ao de Leão no Mediterraneo levanta-se a cordilheira dos Pyrineos com duas portas nos extremos, que dão passagem para França: uma ao norte em *Irun*, outra ao sul em *Perpignan*.

Às 11 e meia horas da manhã do dia 8 de maio de 1887 apeavamos em Hendaya, aonde franqueamos as nossas bagagens á polida guarda franceza.

Após uma ligeira refeição, tomamos o comboyo em direcção a *Lourdes*. Quando este se pôz em movimento, A. de M., alegre como um francez, despediu-se da Hespanha com estes versos do sr. Thomaz Ribeiro :

—Adeus, ruidosa Hespanha:
 Madrid—a dos folgares;
 Granada—a moura, a estranha;
 Malaga—a dos cantares;
 Valencia—a dos matizes;
 Sevilha—a flor da terra;
 Cadiz—a flor dos mares.

JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES.

AS MARTYRES DE MINSK

(Episodios d'uma perseguição na Russia)

IX

Dous mezes depois appareceu-lhes um outro apostata, o padre Kotouski, que ellas julgavam ainda fiel, enviado por Siemarko, para as exhortar á abjuração da fé: acolhido benignamente, bem depressa conheceram as religiosas a sua apostazia, e mandaram-n'o retirar.

Ousou o malvado levantar o braço contra a veneravel abbadessa; mas obstou a mais esse crime a irmã Waurzeka, que se agarrou a elle e conseguiu pol-o fóra do limiar da

porta. O desgraçado retirou-se despeitado e meditando um novo supplicio que, a instancias suas, o bispo apostata mandou applicar ás infelizes martyres.

Estiveram seis dias presas, tendo por unico alimento meio arenque salgado, cada uma, sem uma gotta d'agua.

Foi-lhes nos primeiros dias insupportavel este novo supplicio; um fogo abrazador lhes queimava as entranhas, e com a febre cahio-lhes a pelle da lingua e da parte superior da bocca. Permittio Deus comtudo, para gloria da fé, que as martyres resistissem a este novo supplicio.

O pope Weroffkine visitava-as de vez em quando, convidando-as a abandonar a fé, para cessarem os martyrios. Vendo tanta perseverança, vendo-as resistir a tão duros soffrimentos, dizia elle:

«Vêde! cada uma tem um demonio no corpo, que soffre por ellas!»

Passaram ainda, em Polotsh, o inverno e a primavera seguinte (1842-1843) empregadas as validas em duros trabalhos; as cegas em fazer meia e cardar lã.

X

No fim da primavera de 1843, conheceram as religiosas que se tractava de jornada. Vendo os soldados encarregados de escoltal-as, exclamou a irmã Waurzeka: «Minhas irmãs, vamos viajar; onde nós levarão? Eis aqui os braceletes!»

Com effeito os guardas começaram a prendel-as duas a duas, como era costume, e fizeram-n'as partir cercadas de bayonetas.

Em vista de tanto apparato, julgaram ter chegado o tempo de irem terminar o martyrio nas minas da Siberia.

Depois de dez ou doze dias de marcha, chegaram a Miodrioly, pequena cidade no districto de Minsk, onde foram obrigadas aos serviços mais asquerosos.

Veio Siemasko no outomno, e de novo as exhortou a abraçar o seisma. Vendo n'ellas sempre a mesma fortaleza,

lembrou-se de applicar-lhes talvez o mais terrivel martyrio, que até então tinham soffrido.

Mandou-as mergulhar no lago, em cujas margens está situada a cidade. Era assim que procediam á terrivel e barbara operação:

Mettidas em uma especie de camisa, com uma só manga para ambos os braços, e com grossas cordas ao pescoço, assim as fizeram atravessar a cidade, no meio dos motejos e insultos dos algozes, e dos lamentos dos judeus, que, chorando sempre, as acompanhavam.

Estavam os algozes dentro de pequenas barcas. Ia principiar o supplicio. Era porém conveniente tentar um ultimo esforço. Um dos algozes—um pope—disse ás infelizes:

«Se não mudaes de religião far-vos-hei affogar como cães.»

«Affogae-nos muito embora, que não abandonamos a nossa fé»—foi a resposta das heroicas martyres.

Puxaram então os algozes pelas cordas e arrastaram as infelizes para o seio das aguas. De vez em quando traziam nas á margem e repetiam a proposta; e a cada recusa succedia novo mergulho!...

Durou o supplicio duas ou tres horas. E os judeus, compadecidos de tanta infelicidade, continuavam a chorar e as *exernice*, presencendo o *espectaculo* das janellas do mosteiro, batiam as palmas e escarneciam das martyres.

Nenhuma teve a felicidade de afogar; só uma perdeu os sentidos, que recuperou á força de pontapés, podendo ainda arrastar-se até á prisão, que era um vasto lamaçal.

Encerradas n'este antro gelado, com os vestidos ensoпадos, aggravaram-se-lhes os soffrimentos horriavelmente. As chagas antigas tomaram maiores proporções e outras novas se abriram.

Repetiu-se cinco vezes o supplicio dos mergulhos, durante o qual algumas das religiosas deixaram de soffrer, indo no ceu gosar o premio da sua heroicidade na firmeza da fé.

Por fim a agua gelou, e os judeus com seus lamentos e

supplicas, conseguiram que se pozesse ponto no horrivel supplicio.

É de notar que os judeus se mostraram sempre os melhores amigos d'estas catholicas perseguidas e martyrisadas.

O inverno de 1844 foi ainda mais penoso, se é possivel. As chagas, pelo contacto da agua salgada aggravaram-se consideravelmente. Permittiam-lhes ir á lenha ; mas a fadiga, a neve e as cadêas, de que nunca se viam alliviadas, as prostravam muitas vezes em terra debaixo dos fardos.

O gelo e o mesmo fogo, que as asfixiava, os maus tractos e os trabalhos duros, a que as obrigavam, fizeram que sete religiosas cahissem gravemente enfermas. E os trabalhos continuavam. As oito cegas, na horrivel selvageria de Polotsk, fiavam de dia para os *czernice*, e de noite para os judeus, que as soccorriam.

No fim do inverno de 1845 havia apenas quatro religiosas em estado de tractarem dos cegos e dos doentes. Foi n'este tempo que o imperador Nicolau deu ordem de serem transportadas á Siberia. Occorreu-lhes então a ideia de fugir, para denunciarem ao mundo os martyrios soffridos.

A occasião propicia não se fez esperar.

XI

Ao proto-pope Skeypine, superior das religiosas scismaticas (*czernice*) da cidade de Miadsioly, foi confiada a guarda das religiosas de S. Basilio, as heroicas confessoras da fé.

Para celebrar uma festa em honra d'este proto-pope houve no convento tres dias de desordem e embriaguez. Tonéis de agua-ardente foram collocados nos pateos, e d'ahi bebiam todos até cabir.

Ao terceiro dia não havia ninguem em estado de cozinhar. Pouco importava isso. Os heroes e heroínas da funcção, prostrados junto dos tonéis, apenas se levantavam cambaleando para beber, e recahiam em adoração extatica junto de seus rotundos idolos! . . .

Sete annos havia que durava o martyrio das heroicas

Basilenses, e só n'este dia se viram, por algumas horas, livres de seus verdugos.

A sua perseguição, o seu martyrio—este glorioso triumpho para a fé catholica—seriam ignorados no mundo, se n'esta occasião se não libertassem dos ferros, e procurassem chegar a um paiz, onde livremente podessem denunciar ao mundo civilisado a tyrannia e malvadez do Czar e seus satellites.

Esta consideração resolveu-as a fugir. Eis como o conseguiram:

Durante a noite do terceiro dia da orgia (13 de março de 1845) encostaram, á força de grandes trabalhos, ao muro da prisão um tronco de arvore, que lhes deu accesso até o cimo da muralha.

Foi a abbadessa a primeira que subiu. A altura do muro horrorisou-a; mas quem durante sete annos tinha dado tantas provas de grandeza d'alma e fortaleza de espirito, não podia recuar. Benzeu-se, encommendou-se a Deus, e deixou-se resvalar do alto do muro sobre a neve, sem soffrer incommodo algum, sendo seguida pelas outras tres, unicas que podiam andar.

Foi-lhes penoso abandonar suas irmãs cegas e doentes; mas a sua presença nada lhes minorava os tormentos, e ellas mesmas com heroica resignação, as animaram a que levassem avante o seu projecto.

Seguiram pois. Seu fim era encaminharem-se a Roma, fazer sciente o Santo Padre dos seus tormentos, e dos gemidos de um povo inteiro, martyr da sua fé morrendo encarcerado nas prisões ou gelado nas minas da Siberia, pedindo sempre a restituição de seus padres e o restabelecimento de seus sanctuarios!...

Soubese depois que duas das irmãs que ficaram, morreram em breve, e as outras foram recolhidas em um hospital.

Pretender o bispo apostata obrigal-as a receber a communhão das mãos de um pope, ao que ellas se oppozeram; pedindo por unica consolação o serem visitadas por algum

padre catholico, o que lhes foi expressamente prohibido. E d'ellas nada mais se soube.

As quatro fugitivas dirigiram-se ás ruinas de uma capella. Oraram em commum, abraçavam-se e separaram-se, para melhor poderem escapar ás pesquisas e perseguições dos algozes, convencionando dirigirem-se a Roma.

Uma só teve a felicidade de levar ao fim a sua peregrinação. Foi a veneravel abbadessa. Depois de andar tres mezes errante nas florestas da Lithuania, soffrendo frio e fome e perseguida sempre, atravessou a Prussia e chegou a Paris, onde a imprensa denunciou commovida suas horrorosas torturas.

Atravessou a França, saudada com respeito e amor por todas as povoações, e embarcou-se em Marselha para Roma, onde contou de novo a sua historia, perante uma commissão nomeada pelo Pontifice Gregorio XVI. Parece que as outras tres conseguiram chegar ás fronteiras da Austria, mas nunca mais houve noticias d'ellas.

XII

Tentou Nicolau desmentir os factos horribeis, que o mundo christão lhe exprobrava; mas a imprensa de Paris respondeu sempre triumphante aos defensores do autocrata.

Finalmente o proprio imperador Nicolau indo a Roma, tentou em uma entrevista com o Santo Padre, a 13 de Dezembro de 1845, negar os factos de que o accusavam; mas Gregorio XVI respondeu mostrando-lhe os ukases ou decretos escriptos por sua propria mão.

A veneravel abbadessa dos basilienzes de Minsk, este prodigio vivo, foi recolhida em um convento de Roma. Tinha o craneo fracturado, e n'um ponto apenas a pelle lhe encobria os miolos; tinha os pés inchados e torcidos pelas cadêas, e no pescoço ainda se lhe viam os signaes das cordas, com que os algozes a arrastaram ao lago. Tudo isto consta do relatorio dos medicos, que a examinaram.

A commoção produzida em Roma pela presenca d'esta

victima do autocrata foi tal que, indo este á cidade eterna, não houve um só festejo, nem uma só mostra de regosijo, ainda mesmo as de etiqueta official. Foi recebido friamente por todos, e talvez até ouvisse em algumas egrejas juntar ás preces ordinarias a seguinte supplica: *A furore Nicolai libera nos Domine.*

A princeza Enphronyse Giedymin, descendente dos grão-duques da Lithuania, que doara immensas riquezas á Ordem de S. Basilio, e sustentava á sua custa quarenta pobres, era ha meio seculo abbadessa geral das monjas de S. Basilio, e tinha 80 annos de idade, quando principiou a perseguição. Pois nem assim foi respeitada. Com todas as religiosas que não succumbiram aos tormentos, foi enviada para a Siberia, a pé e carregada de ferros. A veneranda octogenaria morreu no caminho.

Duzentas e quarenta e cinco religiosas, pertencentes á ordem de S. Basilio, todas, sem exceptuar uma só, sellaram com seu sangue o amor inviolavel, a constante e firme obediencia á fé catholica e á Egreja de Jesus Christo.

XIII

Martyrio dos padres e outras proezas dos perseguidores

(Conclusão)

Não se limitou a perseguição feroz de Nicolau ás religiosas de S. Basilio. Tudo que pertencia á Religião Catholica Romana, foi alvo da sanha do feroz austocrata.

Os Seminarios foram extintos e dispersos os Seminaristas.

As Egrejas foram invadidas e incendiadas pelas tropas, durante os officios divinos, e o clero e fieis, fusilados deante dos altares.

Finalmente em 1813 duzentos e quarenta ecclesiasticos foram arrebatados a seus presbyterios, e arrastados com ca-

dêas nos pés e mãos, e frequentes vezes açoutados ferozmente, para a Sibéria, onde os que não morreram no caminho, foram encarcerados de mistura com os maiores criminosos, tendo por unico sustento pão negro e agua.

Ao fim de dous annos e quatro mezes, passados em trabalhos forçados, existiam apenas noventa e sete, os quaes, aproveitando-se da embriaguez dos guardas, conseguiram escapar-se, chegando ás praias do mar branco, onde os recebeu um navio prussiano, que os levou a porto seguro.

Reitor de Mancellas,

J. V. PINTO DE CARVALHO.

ORAI!

(A MEUS TIOS S. J. S. E M. N. S.)

Se admirarmos do mundo a vida,
Do Universo a constante lida,
O rugir do mar, o trovão,
O soprar do vento fagueiro,
A estrella, brilhante luzeiro,
O igneo vomitar do vuleão,
Essa immensidade dos ceos,
Oh! elevemos logo a Deus,
Uma oração.

Se vêmos a abelha oscular
Da flor o calice doçár,
A avesinha na solidão
Terna acalentar no seu ninho
Junto ao peito o tenro filhinho,
Até mesmo lí no sertão
O agudo silvo da serpente.
Consagremos ao Omnipotente
Uma oração!

E se os desgostos nos consomem,
 (Porque soffrer é sina do homem)
 Despedaçando o coração,
 E se o pão do exilio comemos
 E longe da patria morremos
 Entoando natal canção,
 Levantemos um olhar terno,
 Oh! Offereçamos ao Eterno
 Uma oração!

Se nos cobre o veu da pobreza,
 Se da miseria a rudeza,
 A nós rouba o diário pão,
 Ou se da doença o flagello
 Já a sentirmos de morte o gelo,
 Nos prende a um misero enxergão,
 Não haja receio nem temor
 Se consagrarmos ao Senhor
 Uma oração!

.....

Lembrai-vos, oh mortaes,
 Que a dôres terminaes,
 Se ao Deus que lá nos ceos está,
 A' tarde, á noite, de manhã,
 Ao romper d'aurora
 Do dia a toda a hora
 Singela elevardes
 Devota resardes
 Uma prece pura, de amor fervente,
 Com alma contricta, piedosa, e crente

E' balsamo a oração
 Que suavisa as dôres
 E ornamenta com flôres
 Da nossa vida a senda.
 E' anjo do ceo vindo,
 P'ra trocar, hemvindo!
 O peccado p'la emenda!

E' celeste hymno mavioso
 Que end'reganos ao Creator;
 Desceu dos ceos harmonioso
 P'ra outra vez subir ao Senhor!

Orae! Mas mostrae-me o homem que não ora,
 Siga Mafoma, Moysés, Budha ou Christo?
 Tenha de humano as fórmãs muito embora,
 Será monstro que o mundo nunca ha visto.

Orae! Mas quem n'este mundo não ora?
 Ora a cantar na relva o rouxinol
 Elevando aos ceos sua voz sonora
 Pela manhã, de tarde ao pôr do sol.

Ora no seu covil a cruel fera
 Seja tigre, lobo hyena ou leão;
 Tambem ora a arvore na primavera
 Vestindo-se com a nova estação.

.....
 De Deus recebemos a vida, o ser;
 A Elle, só Elle devemos amar;
 Maldito seja, não deve viver
 Quem a oração se atreve a recusar!

Vianna do Castelo. 13—4—92.

A. da Silva.

A PRECE

Ao meu illustratissimo professor de Litteratura, Padre Consição Cabral.

Prece! Esta palavra synthetisa o viver da humanidade soffredora, nas luctas titanescas contra o mal, que circula nos filamentos da sociedade, como o toxico se alastra nas fibras mais intimas do organismo.

Prece! Esta palavra que se escapa subita de todos os labios, ou n'uma fórmula interjectiva, espontanea, irreprimivel como n'um—ai Jesus!—ou n'uma fórmula já de ha muito consagrada para prestar culto á Divindade, está tão indelevelmente gravada em nosso coração, como a palavra—Liberdade—.

De feito, como pôde comprehender-se um ser que não ora, que não communica as immensas illusões que experimenta, as crueis desgraças que o pungem a um Ser-unico que pôde consolar-lhe esse desfazer d'illusões, e esse pungir da desgraça? Um ente que não ora, que não balbucia uma prece, é um ser sem vida, é um automato; vegeta na sociedade, mas não vive a vida do espirito, porque a prece é o pabulo da alma.

Prece! Esta palavra é dôce como um favo de mel, suave como o brando ciciar da brisa, mysteriosa como um talisman, poetica como uma alvorada de Maio aljofarada com as lagrimas da aurora!

Prece! Esta palavra é um poema altiloquo de louvores elevados ao Eterno, de estrophes grandiosas e harmonicas como o rhythmo cadenciado das espheras!

Oh! a prece é um balsamo que mitiga dôres, cicatriza as chagas mais dolorosas da alma; é uma suavidade nas agruras d'este exilio em que o espirito se sente eseravisado pelas humilhantes prisões da materia; é uma delicia nas escabrosidades d'este Golgotha, para onde o homem caminha, oppresso pelo peso da cruz da existencia; é um enlevo no meio das desordens sociaes, no conjuncto de miserias que nos circundam!

Prece! Fada divinal, de roupagens vaporosas, que baixando do seio do Eterno n'um throno de nuvens transparentes, vens adoçar o triste viver do pobre proscripto do Eden, enxugar as lagrimas amarissimas da viuvez, ou calar os gritos dilacerantes da orphandade!

A prece é sempre bella, sempre poetica, sempre santa, mas quando é mais efficaz, quando mais sincera porque parte do coração, é á noite, quando o sol se esconde no oceano e as estrellas repontam no ceu, é á noite sob a abobada anilada do firmamento, quando a lua beija a folhagem das arvores e o rouxinol lhe canta amores, é á noite, quando um impulso intimo nos arremessa para o ceu, arroubados n'esse grande quadro da natureza.

Existiu sempre uma harmonia mysteriosa entre a noite e a oração; os Santos consideraram sempre a noite como o melhor tempo para orar; parece que o orvalho das inspirações divinas é mais abundante, quando o orvalho do ceu se vem depositar sobre os arbustos e plantas.

No silencio profundo da noite quando tudo é ermo e só, então a alma parece evolar-se mais irresistivelmente para Deus.

Oh! a prece, no remanso da noite é uma lyra immensa que tem melodias para todos os espiritos, cantos suavissimos para todos os desgraçados, combatidos por paixões ardentissimas e impetuosas, avergados ao peso das desgraças, fustigados pelo vendaval do infortunio!

Prece! Oh! quantas dóres mitigadas, quantos desesperos mudados em esperanças, quantas lagrimas enxugadas com esta palavra!

Oh! o impio infeliz que não ora, devia contemplar, na profunda solidão da noite, á beira-mar, junto do rochedo alcantilado da praia,—dique opposto por Deus á impetuosidade das vagas,—ora o rebramir rouco do oceano como leão possante, sacudindo a juba hirsuta de enormes vagalhões, ora o doce marulhar das ondas, deslizando placidas como em lago de prata fundida, já a magestade esmagadora dos ceus, ou o ramulhar da carvalheira secular, o scintillar brando das estrellas e os pallidos clarões da rainha das noites; e então, no mais recondito do peito ouviria a voz mysteriosa da consciencia exclamando: “Como sois grande oh meu Deus!,”

Famalicão—Junho-- 92.

ANTONIO DIAS DA COSTA.

O PHANTASMA

(Continuado do n.º 4)

—Estamos ainda muito longe do castello?

—Não, senhor soldado, estamos perto.

—Tambem é preciso, que já me doem as pernas.

—Nem admira, depois d'uma viagem tão longa e demais a mais por um calor que derrete . . .

—Oh! o sol, meu rapaz, é o menos. Um soldado como eu, está acostumado ao calor das batalhas, mil vezes mais ardente do que este sol estival.

—Ó senhor soldado, disse o rapaz com ingenuidade, eu se me visse n'uma guerra, se ouvisse as ameixas a chiarem-me cá pelos ouvidos e os trovões d'aquellas boccas que o meu pae chama martelharia, parece-me, se não morresse em antes, que dava ás gambias com tamanha rapidez, que nem o diabo me apanhava.

O soldado riu-se, mas não respondeu.

Durante este pequeno dialogo foram-se aproximando insensivelmente do castello, até toparem com o portão principal.

—E agora? perguntou de novo o soldado.

- -É aqui, respondeu o pequeno guia: e aquelle que está enco-tado áquella arvore é o senhor Holston.

- Ah! é o conde Holston! É a pessoa que eu procuro. Pois muito bem rapaz, obrigado e adeus.

—Adeus, senhor soldado.

O soldado ficou só a alguma distancia do conde enco-ber-to pelo tronco de uma carvalhoira secular. Olhou-se por todos os lados, puxou d'um lenço branco, sacudiu o pó que lhe embaciava o lustre das botinas engraxadas de fresco, apurou-se o melhor que pôde, e caminhou resolutu para o conde que e esperava frio e indifferente.

—Poderei ter a honra de dizer duas palavras a V. Ex.^a?
titubcou o soldado depois de se inclinar profundamente.

—Dizei, respondeu Holston seccamente.

—É que trago uma carta para V. Ex.^a de mando d'um dos melhores officiaes do meu regimento.

—Quem é elle... como se chama? perguntou o conde impetuosamente.

—Conhecemol-o apenas, como um destemido, capaz de praticar os actos mais heroicos; todavia, se me não engano, tenho ouvido chamar-lhe Adolpho Holston.

—Adolpho Holston! Então é uma carta de meu filho!

Entre para o castello que eu providenciarei para que nada lhe falte.

Às suas ordens senhor conde.

Holston rasgou o sobrescripto e passou rapidamente pelos olhos o conteúdo da carta. Depois subiu para o seu quarto e tornou a lê-la segunda vez. A carta dizia assim:

Meu paç!

Eclipsou-se o horizonte das minhas ambições. O fogo de gloria que me estuava no peito foi-se extinguindo gradualmente, e a estrella d'alva que rutilava no azul das minhas illusões foi desmaiando como desmaiam lentamente as trevas da noite ao primeiro arrebol da madrugada. Agora, norteadado por um ideal mais sublime e que não atraigõa as aspirações da minha alma, quero haurir na solidão d'esse castello a tranquillidade e a paz por que anhela o meu coração virgem ainda de crimes, perversidade e egoismo.

Quero viver ao seu lado recordando a memoria da Santa que voou ao ceu, para de mais perto orar por nós; quero passar as tardes, contemplan do o declinar do sol no poente, sentado n'um rochedo da praia, ouvindo o marulhar das vagas espreguiçando-se mansamente nos areaes; quero ouvir a poetica canção das aguas do nosso regato, tão simples e bella, porque tão bem se casa á melancholia da minha alma, e seguil-o, com a vista, lá, longe, muito ao longe, até se perder,

gemendo, n'um abysmo de verdura ou na cavidade d'alguma rocha.

Eis o programma singelo que delinieei no remanso do meu coração; eis a bandeira azul e branca do meu viver futuro.

Adolpho.

Terminada a leitura o conde passou repetidas vezes a mão pela testa, como que procurando afugentar pensamentos negros.

—Oh! Como os meus terriveis pressentimentos se convertem sempre em cruel realidade! Segredava-me um scismar intimo, que meu filho tornaria mais torturante o meu viver diabolico, se é possivel augmentarem os soffrimentos d'esta nül vezes atribulada existencia!... Oh! meu filho em breve me cahirá aos pés e as suas lagrimas puras como o rocio da manhã, orvalharão estas mãos sacrilegas! E eu poderia ainda antegostar alguns momentos de felicidade... Felicidade para ti, Helston!... que dizes desgraçado?... fizeste porventura a felicidade de teu pae?... Oh! elle tambem te amava, tambem desejava anciosamente a tua vinda, tambem te apertava nos braços com tanto amor! Finesta ambição que me fizeste perpetrar tão nefando crime e envenenaste os mais ditosos dias da minha vida, porque não apagas este inferno que me consomme o coração?!...

Extenuado pelo amargo de taes pensamentos o conde deixou-se cahir n'uma cadeira occultando a cabeça entre as mãos, e, como precisando d'algum, puxou o cordão de uma campainha. Instantes depois apparecia o seu creado particular.

— Roberto, disse-lhe o conde arrebatadamente, vae ao encontro de meu filho e leva-lhe ouro, muito ouro, mas dizelle que as suas caricias me serão insupportaveis e que os seus abraços me esmagariam o coração.

— Não comprehendo, senhor.

— É que meu filho acaba de me participar que voltará em breve e eu amo e temo.

—Ah! comprehendo agora! V. Ex.^a receia que Adolpho proceda para com Holston da mesma forma que este procedeu. . . não é isso?

O conde limitou-se a fazer com a cabeça um signal affirmativo.

—Pois muito bem, continuou Roberto, para tudo ha remedio. Adolpho que venha; se fôr filho obediente e submisso tudo correrá á medida dos nossos desejos; se o não fôr a torre do castello possui ainda uma prisão subterranea e um carcere incorruptivel.

—Que me propõe? perguntou o conde estremecendo.

—Esse meio é duro, confesso; mas se não houver outro...

—Ser-me-ha preciso ainda commetter novos crimes?

—Não digo que sim, nem que não, continuou o cumplice do conde com uma indiferença que gelava o sangue; uma vez que se entra no caminho do crime, não é facil sahír d'elle. Terrivel caminho que tendo uma só entrada nos apresenta innumeradas saídas: esta leva-nos á prostituição, aquella ao hospital, est'outra ás galés e aquell'outra ainda ao patibulo.

Abyssus. . .

Enquanto Roberto fallava a cabeça do conde ia-se inclinando pouco a pouco sobre a secretária. Holston tinha adormecido, se dormir se póde chamar á somnolencia do homem criminoso.

Roberto afastou-se em bicos de pés para o não despertar e ao atravessar o limiar da porta voltou-se; e n'um tom de voz que mais significava desprezo que compaixão, murmurou, estendendo o braço na direcção do conde:

—Victima da ambição, a encosta do teu calvario é ingreme e penhascosa, vingança de Deus, ou satellite do demonio, aproxima-se para ti a hora da tremenda expiação.

(Continua.)

AVE-MARIA

Ao sahir de Tancos, ha, não muito longe da Barquinha e proximo dos velhos muros d'um cemiterio, situado á beira da estrada, uma cruz modesta, d'essas que indicam nas aldeias o lugar onde foi assassinado um homem, e que, meio coberta de musgo e mordida pela acção do tempo, mostra no meio dos seus braços uma laconica inscripção que diz:

·UMA AVE-MARIA·

Aquella inscripção, lida á luz mystica da tarde entre o ruído formado pela brisa, convida com o seu profundo mysterio, á oração... Muitas vezes me sentei ao lado d'aquella cruz para vêr as reverberações fingir os seus arabescos no horizonte, por detraz do espaço confuso, e por cima da neblina que se eleva do seio do rio...

Quando ali fui, nos bons tempos da minha infancia, tomava a margem do Rio-tejo, e subia pela vereda que, como uma franja de terra, desliza á beira das sementeiras.

A um lado descobria-se a dilatada planicie, as longas searas de trigo respirando o seu interminavel fluxo e refluxo; e entre aquella inmensa côr verde que se perdia a grande distancia, resaltavam as intensas gotas de sangue das papoulas, que davam áquelles sítios o aspecto d'um lugar onde se tivesse dado uma batalha.

Aqui e alem, grandes filas de oliveiras, grossas e escuras, onde cahia a luz do sol com o lento fluir da destillação; proximo dos silvados havia colmeias emboscadas, onde tanto idyllo se realisa.

A vida n'estas habitações, palpita com o rythmo tranquillo do que dorme, com o encanto e a somnolencia do profundo repouso da aldeia.

Á direita do caminho por onde dilatava o meu passeio, via-se no ultimo termo do quadro, a villa com a sua ponte

sobre o Tejo, por onde o cruzar do comboyo levanta um ruído semelhante ao de uma estrondoza cataracta, e as suas hortas ao longe com as arvores de fructa debruçadas sobre o rio.

A margem do Tejo passava ao meu lado com a sua brilhante desfilada de choupos desmaiados sobre o espelho da agua, e languidos canaviaes que na margem dos rios parecem exhibir-se n'uma elegante postura, para romper n'uma dança classica.

As aves lançavam as suas notas, e o ecco cheio e chrystalino do seu canto repercutia-se na margem opposta como se ali houvesse outras aves que respondessem.

As barcaças sulcavam o rio, contrastando com esse mover lento das aguas, atravessadas pelos raios de luz que o sol gera e faz relampejar sobre as ondulações.

A *alma* da paysagem era o profundo silencio, apenas interrompido pelos pios das aves, pelo rumorejar doce e vago da corrente, parecido a um beijo que soava entre as frondes, pela aragem que fazia inclinar as copas das arvores, e pela voz d'algum camponez, tão cheia de repouso e de nobreza no meio do tom religioso da paysagem.

Todo este *aroma espiritual* que se desprendia do solo, com a exalação que immanava dos infinitos mysterios da floração das plantas, causavam um tropel de anhelos impossiveis, e a alma deleitava-se e sonhava.

Por meio de veredas que se emboscavam nas grandes searas de trigo, chegava ao pé da cruz que pedia uma sentida oração ao caminhante.

A villa tinha feado occulta na linha do horisonte, depois de fluctuar n'ella como uma nave que se perde a distancia.

Uma ou outra caravana d'essas aves que atravessam o espaço cantando com um sussurro brando á hora do crepusculo, canto parecido com as exclamações de recceio perante o grave e religioso da hora, passava sobre a cruz como um grupo de notas de musica salidas d'uma harpa. Os carros e vinhaes do campo, chiavam pelo caminho e acompanhava-

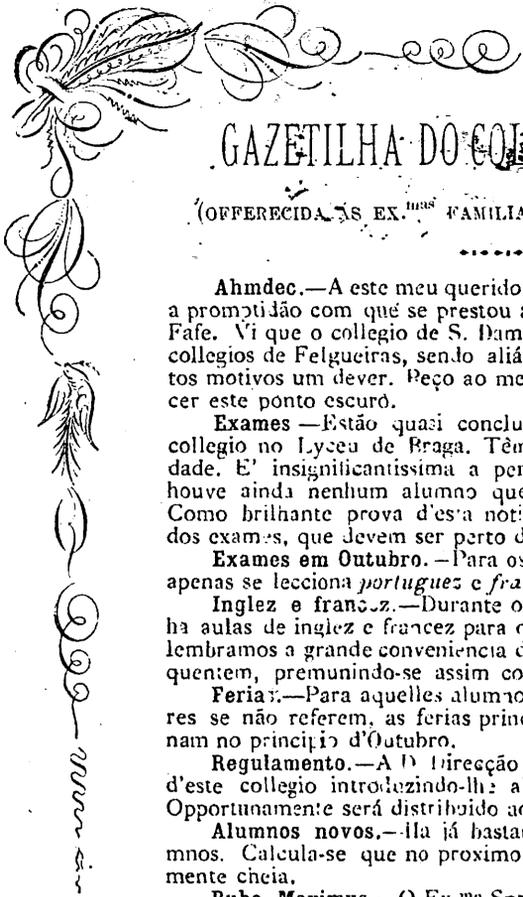
vam a copla quasi religiosa e só comprehendida na Borda d'Agua e Ribatejo —conhecida pelo nome de fandango. Um concerto rouco de rãs que enfileirava as suas matracas sobre as pedras, enchiam o ambiente de um alguma cousa indefinivel; os grillos preparavam os seus elytros para interromper o silencio, e a noite começava a apagar os objectos como se estendesse sobre elles um veu negro.

Começavam então os sonhos impossiveis, as chymeras irrealisaveis, os anhelos que temos sempre no cerebro. . . projectos de obras que não se hão de escrever, onde se vê de improviso uma scena com toda a côr que a nossa penna deseja, vontade de encontrar os que consideramos offendidos e dar-lhes francas satisfações, a troco de recuperar a sua amizade, arrancos generosos produzidos pelo sangue novo ao esbater as suas rompentes no cerebro, arrependimento de não ter ido á frente de todos—nas luctas gloriosas da vida, propositos de fazer bem. . .

Invadido por todos estes sentimentos, convulsionado por estas emoções, chegava até mim a ultima nota d'aquelle concerto mystico —o toque das Ave-Marias—que se repercutia e perdia ao longe nos seios abertos do espaço. E eu descobria então a cabeça para que a beijassem as brisas da noite, e murmurava sentado ao pé da cruz, a oração que minha mãe me ensinou durante os saudosos annos da minha infancia:—Ave-Maria! . . .

Vizeira.

CLEMENTE GOMES ALVES.



GAZETILHA DO COLLEGIO DE S. DAMASO

(OFFERECIDAS AS EX.^{mas} FAMILIAS DOS ALUNOS D'ESTE COLLEGIO)

Ahmdec.—A este meu querido condiscipulo agradeço reconhecido a promptidão com que se prestou a escrever a chronica do passeio a Fafe. Vi que o collegio de S. Damaso não visitou n'essa occasião os collegios de Felgueiras, sendo aliás certo que tal visita era por muitos motivos um dever. Peço ao meu bondoso amigo o favor d'esclarecer este ponto escuro.

Exames—Estão quasi concluidos os exames dos alumnos d'este collegio no Lyceu de Braga. Têm corrido com extraordinaria felicidade. E' insignificantissima a percentagem das reprovações e não houve ainda nenhum alumno que perdesse o anno completamente. Como brilhante prova d'essa noticia daremos no n.º seguinte a lista dos exames, que devem ser perto de 200.

Exames em Outubro.—Para os exames d'Outubro, n'este collegio apenas se lecciona *portuguez e francez*.

Inglez e franc.z.—Durante o corrente mez e o proximo Agosto ha aulas de inglez e francez para os *principiantes*. As ex.^{mas} familias lembramos a grande conveniencia de fazer que os seus pupillos as frequentem, premunindo-se assim contra a estreiteza do tempo lectivo.

Ferias.—Para aquelles alumnos a quem as duas noticias anteriores se não referem, as ferias principiam no *dia 30* de julho e terminam no principio d'Outubro.

Regulamento.—A Direcção tenciona aperfeiçoar o regulamento d'este collegio introduzindo-lhe algumas modificações importantes. Oportunamente será distribuido aos interessados.

Alunos novos.—Ha já bastantes pedidos para admissão de alumnos. Calcula-se que no proximo anno lectivo a casa ficará literalmente cheia.

Bubo Maximus.—O Ex.^{mo} Snr. Albino d'Almeida Dias Leite, de Fafe, offereceu para o gabinete de Physica do collegio, um magnifico exemplar do Bubo Maximus, (nome vulgar:—Bufo ou Coruja ou Grã-Duque) que é a nossa maior ave de presa nocturna.

S. Thiago.—Realisa-se aqui no dia 25 do corrente a popular romaria de S. Thiago. E' notavel pela grande concorrência de povo e pelas tres procissões que de tres freguezias vizinhas aqui vem reunir-se trazendo andores brutalmente pesados e grandes.

A festa do SS. Sacramento.—No dia 24 realiza-se na igreja do collegio a festa do SS. Sacramento. Bem differente da festa de S. Thiago que é só d'arraial, esta é uma festa verdadeiramente religiosa, em que o culto reveste toda a sua sublime magestade. Discursará de tarde o muito conceituado orador P.^o Augusto Coimbra.

Bazar.—Consta-me que continuará no dia 24 e 25 do corrente o leilão das prendas offerecidas pelos collegiaes para as despezas da bandeira escolar.

Visitas.—Por falta d'espaco não publicamos hoje os nomes das muitas pessoas que visitaram este collegio.

O collegial M. C.

